

Por si só	10000
Por cinco meses	5000
Por seis meses	4000

A assinatura paga se salientada, pode comparecer em quaisquer dias, mas termina sempre no dia de Maio, Junho, Setembro ou Dezembro.

Número avulso—100 rs.

Por si só	11000
Por cinco meses	6500
Por seis meses	5000

A assinatura paga-se adiantada, pode comparecer em qualquer dia, mas termina sempre no dia de Março, Junho, Setembro ou Dezembro.

Anuncios—100 rs. a linha

A REGENERACÃO

ORGAN DO PARTIDO LIBERAL

28 TYPOGRAPHIA-RUA DE JOÃO PINTO 28

ANNO XII

Desterro,—Domingo 21 de Março de 1880

N. 22

PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA

ASSEMBLÉA PROVINCIAL SESSÃO ORDINARIA EM 23 DE FEVEREIRO DE 1880

Presidente do Sr. Olympia Pitanga
Às 11 horas da manhã, feita a chama, echa-nos pressentes Srs. Olympia Pitanga, José Caetano, Wendhausen, Leitão de Almeida, Schutel, João Narciso, Mello, Elyson Guillerme, Juvencio Costa, João Ramos, Manoel Marcellino, Silvio Pellico, Alcino de Faria, Pedro Lobo, Tolentino, Joaquim Lobo, Silvia Mafrá, Almeida e Caldeira.

Abre-se sessão.

Falta sem causa participada, o Sr. Castiçio Martins.

E lida e aprovada a acta da sessão anterior.

O Sr. 1º secretario dá conta do seu gabinete.

EXPEDIENTE:

Um ofício do secretario do governo remetendo os balanços da receita e despesa da cámara municipal de S. Miguel, correspondentes aos exercícios de 1876 e 1879.—A comissão de camaras.

Outro do mesmo, remetendo a cópia do contrato feito com o actual arrematante da passagem do Estreito.—A quem fez a requisição.

Outro do mesmo, enviando as informações prestadas pela tesouraria provincial sobre os requerimentos da comissão de meta administrativa do hospital da Caridade da cidade da Laguna, do padre Carlos Engenhoau, de Fernando Lepor, Carlos Lange, Antonio Nunes Barreto, Julio Schubert e Theodor Laufer.—A comissão de fazenda.

Outro do mesmo, comunicando que a cámara municipal de Itajaí informou a representação do vareador tenente-coronel Antonio Pereira Liberal, sobre a qual o presidente da província providenciou, orientando à mesma cámara que desse exercício um referido vareador.—A quem fez a requisição.

E lido, julgado objecto de deliberação e vai a imprimir o seguinte:

PROJECTO N. 19

A assembleia legislativa provincial de Santa Catarina, resolve:

Artigo 1.º Fica creda no lugar denominado Jaguarema uma freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores, fazendo parte do município da Laguna.

Artigo 2.º Suas divinas sordos as seguintes: pelo norte, as lagos da Camacho e de Garopaba, e os rios Congonhas e Lagedo, até encontrar a picada da fazenda denominada Caipóra; pelo sul, o rio Urussanga, limite norte da freguesia de Arançaré com a Laguna; pelo leste, o oceano; pelo oeste, a dita picada que da referida fazenda de Caipóra segue a sudoeste ao rio Urussanga.

Artigo 3.º Servir-lhe-ha de matriz a capela existente, construída pelos moradores do dito lugaz.

Artigo 4.º O presidente da província solicitará do bispo diocesano a competente aprovação na parte eclesiástica.

Artigo 5.º Ficam revogadas as disposições em contrário.

Pago à assembleia legislativa provincial de Santa Catarina, em 23 de Fevereiro de 1880.—S. R.—Wendhausen.

O Sr. Elyson Guillerme:—(pronuncia um discurso que publicaremos depois.)

E lido, julgado objecto de deliberação e vai a imprimir o seguinte projeto. (Organizo, que constitui o avulso junto.)

O Sr. Schutel:—Sr. presidente, um facto muito grave, que pôde trazer as mais sérias consequências acaba de dar-se na nossa capital. Eu sinto profundamente não ter estado presente no sessão em que foi trazido o conhecimento d'esta assembleia, mas exulto vendo como a província de Santa Catarina, representada por esta casa, manifestou-se tão brillantemente em uma occasião tão difícil.

E rafio-me, Sr. presidente, ao facto de termos sido abandonados nas praias d'esta cidade, há poucos dias, 156 indivíduos estrangeiros, que pisão terra da América pela primeira vez, após longa viagem, pobres, adocedentes, e que embarcado como colonos, confiados nos favores que lhes garantiam os regulamentos e decisões do governo imperial.

A qualra em que se deu semelhante facto, é a peior pelas condições da situação, e a assembleia, sentindo o mesmo ressor que sentiu a população da capital, animada dos mesmos sentimentos de generosidade e humanidade, votou uma varia para que se transportasse esse grupo não pequeno de estrangeiros ao seu destino. Mas, Sr. presidente, o facto não terminou ainda o além d'isto pôde reproduzir-se, e ainda mais vai reproduzir-se, não uma vez, mas muitas vezes. A província estará entretanto susposta, estará mesmo no caso de continuar a praticar actos como esse que praticou, porque eu confio tanto na excellencia e justica da causa, que me parece que essa medida nova vez apresentada está aceita.

O Sr. Elyson Guillerme:—Mas, se o facto vai reproduzir-se, e o nobre deputado?—Deixar a medida.

O Sr. Schutel:—Foi esta, a razão por que pedi a palavra. Quero apresentar um requerimento pedindo que se marque dia e hora allele de comparecer à esta assembleia o digno secretario do governo para prestar aquellas informações indispensáveis no caso vertente.

Então poderá a assembleia deliberar, então poderá a província saber como comportar-se, então saberá o paiz o que vai pela província de Santa Catarina, confechará a razão do seu acto e o nosso povo ficará satisfeito vendo que não passa despercebido, que não passa indiferentemente, ante os seus representantes, o facto mais triste que tenho observado desde que voltei a residir em minha terra.

Se presidente, não quero estender-me em outras considerações sobre este assunto: nem a occasião, nem a hora permitem fazê-lo, e pôs calmo e reservando para tempo opportuno voltar à esta questão.

Vai à mesa é lido e apoiado o seguinte requerimento:

* Requerimento que se marque dia para comparecimento do secretario da presidencia n'esta assembleia, além de prestar informações sobre o apparecimento de grande numero de estrangeiros colonos abandonados nas praias desta cidade. —Schutel.

Submetido á votos, é aprovado.

O Sr. Presidente:—lê-se

quinta feira, e n'este sentido vai se officiar à presidencia da província.

ORDEN DO DIA

Entra em 3ª discussão o projecto n. 4, que suprime a comarca de Lages.

O Sr. Presidente:—Sr. presidente, todos maus ou menos n'esta casa tem empunhado a sua palavra com respeito ao projecto que se acha em 3ª discussão e que decreta a supressão da comarca de Lages.

Tenho pesado, Sr. presidente, n'esta questão e com muito desprevenção o prò e o contra, e em vista das razões dadas e do modo que se tom adduzido, é-me facil prever, não só as consequencias que dessa medida podem advir, como também as acres censuras que não podem-nos-hemos furtar por inconsequentes e levianos! (N'ão apoiados). A meu ver, Sr. presidente, se o addumento desta questão para augealgar ao parecer da comissão a quem foi confiado o projecto, não pôde satisfazer cabalmente, identicas razões militares para dividir as discussões que por demais calorosa tao pouco tem podido exprimir o verdadeiro principio e fim a que se quer atingir. Porque mais o cada vez mais me tem deixado na dúvida e incerteza da verdadeira ou invertida das assertões!

O Sr. Tolentino:—Não apoiado.

O Sr. Almeida:—Orá, se tudo tem sido insuficiente, improprio mesmo, para um verdadeiro acto e cordura no que esta assembleia pretende executar, por decreto sómente e para arrancar de sobre nós o tabelo de precipitações e por demais apaixonados, eu uso roquerre aínd a addumento do projecto por 48 horas?

O Sr. Calderão:—V. Ex. quer mais demora do que já tem havido?

O Sr. Almeida:—Desculpe-me V. Ex., o sentimento que 'noutro' é muito justo, e a casa deve convir e concederemo a addumento que põe porque acho que assim se poderá dar uma ultima de mão, uma solida, se é que assim se pode dizer, mais airosa a esta questão de tão alto transcendencia!

Esta pequena demora pode-nos tra-

zer mais luz e proporcionar-nos meios mais rasavéis de solver a dúvida e de conformidade com os ditames da recta razão e bem estar do povo laguense, que se almejamos. Neste sentido, mando à nuza o meu requerimento, que contará por meus nobres collegas favoravelmente deferido.

Vai à mesa, é lido e apoiado o seguinte requerimento:

* Requerimento o addumento do projecto por 48 horas.—Tolentino.

O Sr. Tolentino:—Sr. presidente, fique surpreendido, fizque passou este projecto, eu não podia prever nem esperar, Sr. presidente, esquematizado da parte do nobre autor do requerimento, que ainda outro adumento se viesse pedir, quando a casa esteve.

E' aprovado.

Entra em 2ª discussão o projecto n. 12, que restaura a lei n. 581 de 1867, sobre o pedágio da ponte do Biguaçu.

E' aprovado.

Entra em 2ª discussão o projecto n. 13, creando mais um officio no partidor dos juizes municipais e de orfichos em cada termo da província.

E' aprovado.

Entra em 3ª discussão o projecto n. 10, de 1877, que aprova o código de posturas da cámara municipal do Joinville.

E' aprovado e vai a comissão de redacção.

Entra em 3ª discussão o projecto n. 16, que autoriza a presidencia da província a dispensar a quantia de um conto de réis aos lavradores que cultivarem 10 mil pés de café.

E' aprovado.

Entra em 3ª discussão o projecto n. 15, que concede o premio de um conto de réis aos lavradores que cultivarem 10 mil pés de café.

E' aprovado.

Entra em 3ª discussão o projecto n. 10, de 1877, que aprova o código de posturas da cámara municipal do Joinville.

E' aprovado e vai a comissão de redacção.

Entra em 3ª discussão o projecto n. 14, que autoriza a presidencia da província a dispensar a quantia de um conto de réis, com os sufragantes espontâneos existentes n'esta cidade.

O Sr. Elyson Guillerme:—

O Sr. Presidente:—Sr. presidente, ainda d'uma das mais importantes colônias, a de Itajaí, da qual v. ex. foi distinto director, si prometia sob a administração do v. ex. e do seu digno antecessor, risório e prospéro futuro, bom de pressa e unicamente porque se mandou para lá um empregado inútil sem criterio, nem senso commun, calhão no estado deplorável em que hoje se achava.

E' actualmente, pode-se dizer, uma colónia morta, completamente perdida a aqueles esperançosos distritos, outrora tão animados, tão povoados, estão a converter-se a um deserto, a um mar de ruínas, não direi como as de Valmyra porque seca levou muito longe a comparação, porém enfile em verdadeiras ruínas. E doloroso, sr. presidente, vê tantos sacrifícios inutilizados, tanto trabalho perdido, tanto cabedal do Estado completamente morto.

Mas, qual a causa destes males, que lamentamos? Não é certamente o mau governo, que ego é caprichoso, como uma criancinha, a todo transe mantém um empregado desorganizador, como é o actual director daquella colónia, convivendo dos abusos que elle pratica, dos más tratos que dão aos colonos, e que o mantém por capricho? Porque razão este governo profere sacrificar o que estava feito, e os dinheiros do Estado...

O Sr. Almeida:—E até a propria vida dos colonos.

O Sr. Elyson Guillerme:—...a mudar o mau empregado? Não se explica que um governo sensato tenha preferido ver desertar em massa todos os habitantes da colónia; tenha, preferido converter aquello estabelecimento n'um deserto, a mudar o caudilho de tudo isso, já acusado no proprio parlamento.

O capricho n'este caso, sr. presidente, é um crime, digno da mais severa censura e punição. (Applausos).

Deante destes factos, deante do descalabro em que vai a colonização na província, o que vamos fazer? Mandar porventura para essa colónia decadente, e desorganizada, os colonos que chegam para velos desertar della dentro em pouco?

Vamos colocar esses colonos, de baixo da virga-férvea d'aquele director?

Depois, o que espera a província, de dia?

Sei que pode-se dizer que são outros braços que ganhamos, mas, nas actuais circunstancias do tesouro, sem saber-se no certo se esses braços são aproveitáveis, e se ficarão entre nós, não me parece procedente o argumento.

Se as nossas condições financeiras fossem normais, si esses colonos contrahissem obrigações com a província, então eu diria que se fizesse o possível, a favor d'elles. Porem, fazer o sacrifício sem nada disso, sem contar com resultado algum, e quando amanhã esse desabro disponibil pôde ser muito preciso; fazer o sacrifício quando no dia seguinte esses colonos podem querer repatriar-se, ou sair da província, o que ninguém lhes poderá prohibir, não me parece acertado nem prudente.

Lembro-me a casa que esta acumula de emigrantes é resultado do desgoverno actual, tanto que na Corte se tem dito factos idênticos a estes que agora se observa. Este desgoverno continua; amanhã talvez nova leva de emigrantes chegará; negar-lhes-hemos o que hoje concedemos a estes?

St. presidente, não me pareco nada disto regular e pedi a palavra para em vista do requerimento do meu distinto collega, requerer o addumento da discussão ato que o sr. secretario do governo preste as informações pedidas.

Vai à mesa, é lido e apoiado o seguinte requerimento:

* Requerimento o addumento do projecto ato que o secretario da presidencia compareça à esta assembleia para dar as informações que foram pedidas. —Elyson Guillerme.

O Sr. Presidente:—

St. presidente, antes de dar o meu voto ao requerimento de addumento apresentado pelo nobre deputado, devo dizer as razões porque não concordo com S. Ex.

Não me convenceu as razões que dão o nobre deputado justificando o addumento proposto. Sabe V. Ex. Sr. presidente, que para os grandes males remedios heroicos.

Nós estamos deante da um facto ver-

da formatura, informou, como bem desejado o nobre deputado que um «caso» importava discutir este assunto.

E com efeito fato extraordinário que sejam lançados em abandono nessa cidade homens, que vindo de suas terras, procuram um futuro, confiasse nas promessas feitas pelo governo da pátria. Estou informado que trata-se de colonos espontâneos que tem relações na província, em nossas colônias; que têm seus parentes e amigos.

Deixaram de parte as razões que tem o governo geral para semelhante procedimento devendo atender sómente ao facto que a assembleia procura prevenir. Estamos deante de uma massa de 150 homens, que ansiavam por esta colônia a mendigar um pão, que estão sem arimo e sem proteção; estamos deante de um grupo de homens, mulheres e crianças, aglomerados em lugares desabrigados, pois que ficaram na fortaleza de São Paulo.

Encaramos o facto fora da política, à luz dos princípios de humanidade e civilização.

O governo geral tem culpa assim procedendo, nós aceitamos a compreensão deste procedimento...

O Sr. ELYSEU GUILHERME: — Não, a província não é responsável.

O Sr. SILVA MAFRA: — ...não, procurando tomar qualquer medida a este respeito.

Diz o nobre deputado, e é também o recuo do meu nobre colega que exigiu a presença do secretário do governo, o facto vale repetir-se o se não providenciamos a respeito d'este, deixarímos entretanto providenciar a respeito de talos.

Mas, pergunto ao nobre deputado, as nossas circunstâncias permitiriam estas medidas?

Se presidente, eu entendo que este projeto devia ser votado sem a menor discussão.

Eu bem sei que o patriotismo do nobre deputado o leva, desde já, a apoiar os golpes que podem advir, provenientes deste ato d'assembleia.

Mas, se não estamos autorizados a dar muito, não podemos ao menos dar aquilo que está em nossas forças! Será isto para mostrar a esses estrangeiros que nós não somos surdos aos clamores da degreda.

A necessidade de saber-se para onde vão os colonos não me parece justificada. Votada o projeto, «a presidente da província não pode dispensar esse diaheiro, remetendo os colonos para fuga de Santa Catarina; é claro que só pode mandar-se para as colônias do Estado.

Quanto à má direção, ou descalabro que tem havido na colonização, o se duvidava um facto para depor, mas não servirá para provar que devemos desfazer aquilo que já votamos em 1^ª discussão.

Se ha malversação responsabilizem-se aqueles que são culpados, mas não levemos essa responsabilidade a questões que não tem culpa.

Não fazemos com que vão sofrer essas famílias, que, ignorando tais coisas na Europa, vieram procurar trabalho em nossa terra. Eu sei, Sr. presidente, que a argumentação do nobre deputado é muita poderosa, mas não é suficiente para levá-los a votar contra o projeto.

Assim, pois se torna desnecessário o adjamento e, na minha opinião, quase que sejam encarados os argumentos que apresenta o nobre deputado só para resolver os factos que tiverem de vir, não assim o facto sobre que já re-solvemos. (Applausos).

O Sr. SCHUTEL: — Sr. presidente, basta-me um pouco, mas devo-me a consciência, e lá via algumas observações sobre o requerimento. Sabe V. Ex. e a casa que a hygiene e a saúde pública foram entregues ao menor competente... (Applausos).

O Sr. SILVA MAFRA: — Não pode estar em melhores mãos.

O Sr. SCHUTEL: — ...dos médicos desta província, mas n'uma questão desta que entendem com a saúde pública, aquela que está encarregado deste serviço não podia calar-se e deixar de dizer ao menos, o que pensa à respeito do facto. Nem um só dos meus nobres colegas nas considerações que fizeram, ao menos nesta sessão, encarou o facto de baixo deste ponto de vista, nem cumpre faze-lo, e eu que tenho esse dever de satisfação da bôa vontade.

Possui comunicar á assembleia que a bordo do vapor, que conduziu os 156 emigrantes redigiu um ofício á presidência reclamando contra a demora dessa gente na capital e solicitando com empenho a sua internação imediata. Com essa exigência milha queria atender às necessidades da saúde pública. Esses emigrantes embarcaram por baldeação, isto é, foram baldeados do vapor alheio, que os trouxe de Europa, para o Rio Negro, que os conduziu para este porto, em viagem extraordinária. O capitão não comunicou com a terra desde que receberam os colonos, de maneira que, nem trouxe carta de saúde.

Entre tanto os colonos estavam em um porto infértil, e o navio que os recebeu no mês passado era suspeito pela localidade em que ancorava e pela tripulação que trazia, devia, por isso, ser considerado suspeito a procedência dos colonos e do passageiro e tanto mais quanto era grande a aglomeração de gente a bordo.

Como disse, Sr. presidente, pedi a intenção desses colonos e em vez disto procedeu-se ao desembargo deixando-nos aqui nas ruas e ali, neste momento quando não foram transportados ao interior da província. Isto é grave, porque de um porto para outro, pode entre esta aglomeração de colonos desenvolver-se, não direi a felze amarela, mas qual quer outra epidemia tão ruim e mortal. O estado de miseria, a falta absoluta do acojo, os maus vestidos que trazem, a insensibilidade, o estado moral em que se acham, são outras tantas causas poderíssimas para determinar o aparecimento de molestias, que acentuam tanta vez elementos favoráveis facilmente tomados e caracter epidemic.

As crengas que desembargaram estão quasi todas atacadas de sarapando, e ali está mais uma causa suficiente de molestias, de modo que de um momento para outro podemos ter notícia de que aparecerá uma epidemia entre os colonos.

Portanto vê V. Ex., Sr. presidente,

que a população está ameaçada de um mal que ronda a felze amarela, e que a província deve ser imediatamente alertada para outrem, pode entre esta aglomeração de colonos desenvolver-se, não direi a felze amarela, mas qual quer outra epidemia tão ruim e mortal.

Na realidade, o sentimento do homem, o sentimento da humanidade, não só para com os nossos patrícios, como com aqueles que acreditam que a

grafia corre por conta dos cofres gerais. ora, a despesa que vamos fazer é illa do desconto do governo geral, que é obrigado a fazer estes e outros gastos que dizem respeito à colonização. Tomar a província a si este encargo — era colocar-se ella a frente do governo geral, encarregando-a d'aquilo que não lhe compete. Entretanto por um necessário inconstitucional, por um concurso de circunstâncias imprevistas, ou mesmo por humanidade, a província vai fazer uma despesa que pertence ao governo geral.

Eu entendo, pois, que nestas circunstâncias a província deve ser indemnizada d'esta despesa, o é neste sentido que venho apresentar a minha emenda.

Não sou, Sr. presidente, alheio ao sentimento da humanidade, não só para com os nossos patrícios, como com aqueles que acreditam que a

grafia corre por conta dos cofres gerais.

Mas, aliás d'isto, amanhã o facto pode reproduzir-se, e a província ver-se-á na necessidade de ir contando estas dificuldades criadas pelo governo geral, e de que serão vítimas, aquelas que acreditam em nossas plagas, como colonos.

O governo geral promete e se obriga a levar os colonos à seu destino; e entretanto elles estão sem os meios permitidos de condução, e o que mais triste é — mendigando o pão a caridade pública...

Pois bem, Sr. presidente, a província que d'ó auxílio necessário a que se refere o projeto, mostrando ao governo geral a linha de conduta que deveria seguir; mas se solicite desto a importância que dispender com o transporte desses emigrantes. Assim a província desempenharia um papel brilhante, o governo geral sairia da deshumanidade do seu procedimento, fará, assim o espero com que reverta para os mangueiros cofres provinciais e dinheiros perdidos.

Assim, finalmente, teremos nos cumprido de um modo digno de louváveis os nossos deveres, defendendo ao mesmo tempo os interesses da província, que à nossa guarda se acham confiados.

Vae à mesa, é lida e apoiada a seguinte emenda:

«As palavras dentro da província, acrescenta-se: solicitando a presidente do governo geral a importância despendida por esta lei. — Tolentino. »

O Sr. ALMEIDA: Deixa de lado esta questão.

O Sr. SCHUTEL: — É naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr. presidente, até que tenha lugar esse embarque, eu perguntarei, o que comem os colonos? Quem os sustenta? Quem se abriga?

O Sr. SCHUTEL: — E' naturalmente para dentro da província, e posso assegurar que vieram dirigidos à colônia Azambuja. Além disto, Sr

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — Não reconheço tal.

O Sr. TOLENTINO: — Na primeira discussão deste projeto V. Ex. recusou-se, e lembrá-me perfeitamente que só faltou no sentido de ser o magistrado chamado a responder perante esta cámara.

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — Si havia crime, disse eu.

O Sr. TOLENTINO: — Agora quer o nobre deputado que o Juiz de Direito seja uma vestal; mas infelizmente os documentos falhão mais alto de que tudo o que possa dizer a nobre colega, qual aliás tem tanto se esforçado n'esta questão.

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — Não tenho-me esforçado muito; mas não reconheço os documentos.

O Sr. TOLENTINO: — E porque não quer ver; pois forço até publicados pelas imprensa; mas ainda que não houvessem os documentos — os factos são conhecidos e incontestáveis.

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — Que é desse facto?

O Sr. TOLENTINO: — Ali sobre a mesa encontraria o nobre deputado notícia exacta d'elles, comprovada à evidência dos documentos.

O nobre collega, Sr. presidente, esqueceu-se de fazer o histórico do processo da infeliz Rosalina, para propulsivamente falar no procedimento do juiz municipal.

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — Eu disse que delle nada diria.

O Sr. TOLENTINO: — Contentou-se em ler uma petição que fôr publicada em um jornal oposicionista, com o intento de, *obstante*, fazer-se acusações; contentou-se em ler a petição do capitão Manuel José Pereira de Andrade, pôr da infeliz vítima Rosalina.

O efecto d'essa leitura, não podia agradar ao nobre deputado, pois por ella não pôde deprehender que o crime de envenenamento não se houvesse cometido.

Comprehendeu isto o nobre deputado, perfeitamente; mas apesar de conhecer os factos, nos vêem perguntar, ingenuamente, com relação ao envenenamento: — Onde está a prova deste crime?

Facil é a resposta: — Ali, em palácio na secretaria da presidência, para quando forão enviados todos os documentos, como melhor do que em sôbrio o nobre deputado.

Ali, pois, existem os precisos documentos, e entre estes os que dizem respeito aos exames feitos na infeliz Rosalina, os quais são de tanta força e valor que fizeram que o juiz do direito, proclamasse o réo.

Como não se ignora, Sr. presidente, não se pronunciou por nenhuma conjectura em seu processo, em que, segundo se diz, o juiz de direito protege o réo; a presunção não se teria dado se fôssem provadas.

Estas palavras, Sr. presidente, não são que declaração; — São, ao contrário, o transumpto fiel da verdade.

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — Aqui é omisso.

O Sr. TOLENTINO: — Em toda a parte; e si o nobre deputado pôr em dúvida, é porque é agora por cartilha de diferentes cartilhas de pessoas que são reconhecidamente nossas adversárias políticas.

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — Quem são elas?

O Sr. TOLENTINO: — Os autores das cartas que V. Ex. leu perante esta câmara.

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — Pelo contrário.

O Sr. TOLENTINO: — Fique sabendo o nobre deputado que o achado não foi tão importante como seria para supôr, com relação a tais cartas, que, além de se ignorar por quem foram pedidas, sabe-se que essas autores são empênhados em que queiram o projecto da supressão da comarca.

O Sr. ALMEIDA: — Com tais cartas ilhaqueiam a bôs fôr o nobre deputado.

O Sr. TOLENTINO: — As cartas nada provam; no entretanto não deixaria de assegrá-las a saharmos a maneira por que forão parar às mãos do nobre deputado, tanto mais por não terem sido endereçadas a este as mesmas cartas, e a outras pessoas.

Parece o nosso direito criminal, só fazer prova as cartas particulares, quando ajuizada com previo assentimento de seus autores; mas deixando isto de parte, vejamos o que o nobre deputado provar com tais cartas.

Uma delas trouxe para demonstrar a justiça que presidiu ao acto que determinou a banho do serviço público e o promotor público da comarca de Lagos.

Pedro José Leite Junior.

Não logrou o seu fim o nobre deputado, pois, para tanto não são suficientes os factos narrados n'essa mesma carta, factos que, por aquele ex-promotor forão pulverizados no processo a que respondeu perante o juiz do direito da referida comarca.

Além disso, o nobre deputado hâde concordar que, para aquele acto, ministrô-se ao administrador da provin-

cia, que era novo ainda, certas informações que perderam mais tarde o custo do real merecimento, a vista da attestação do juiz de direito da comarca, na qual fazendo do ex-promotor o melhor conceito — o reputa de inteligente e habilitado precurso.

Assim, parecio-me não ter o nobre deputado, attingido ao sôbrio a que se propônia, justificando o acto da presidência, a quem couço a tarefa de demitir o promotor público da Lages, que na opinião do juiz de direito da comarca, e segundo attestado fornecido por este — *era indecente e vedado no cumprimento de seu dever*.

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — O atestado é todo restrito.

O Sr. TOLENTINO: — Voltarei agora à questão da supressão. Sr. presidente, da qual me apartei pelos constantes apartes com que me hâvea honorado o nobre deputado.

Apareceu de residir entre nós por largos anos, e desejar conhecer a história política desta generosa província, ignorâa ainda o nobre deputado alguns factos que são importantes, e figureu nos anexos da assunção provincial.

E por isso que desconfio que por mais de uma vez tem a assembleia legislativa desta província votado leis no sentido de suprimir a comarca.

Assim que, a lei n.º 561 de 20 de Abril de 1865 suprimiu a comarca de Lagos, que se compunha então do município do Corytibano, e foi annexada à Laguna.

Quer isto dizer que o facto da supressão da comarca, que o nobre deputado chama impropriamente — dissolução — não é uma novidade na província.

As comarcas de S. José e Laguna foram também suprimidas, e assim como estas — outras.

Poderosos foram seu dívida os motivos que determinaram a pronunciamento de tales leis; pois não se lança mão de medidas como estas sem que se tenham elementos fortes e precisos, como aqueles em que se fundam o nobre autor do projecto que se acha em discussão.

Sr. presidente, V. Ex. conhece, assim como a casa, os factos que derão origem à apresentação deste projecto, rapotóis, agora, seria levar a cada um desses honrados collegas o alegorismo e o todo, que de ordinário afece recem a sua comissão repetidas.

Além desses factos, outros se virão acumular demonstrando a evidência a procedência do projecto e a conveniência de sua prompta adopção.

Os factos subsequentes aos que servirão de justificação à apresentação do projecto, por V. Ex., Sr. presidente, confirmando estes, vêm demonstrar que a anarquia campa na infeliz comarca de Lagos — livre e sem pais.

E se não aprecie-se o que vai por lá. Eu a ultima sessão do jury d' aquela comarca, não pôde o juiz de direito oucultar a protecção que dispensava ao réo Godinho.

E assim que, colocado o juiz na sua cadeira de presidente do tribunal do jury, e por occasião do interrogatório feito ao réo — não soube fazer respeitar a sua e a autoridade do seu collega.

Perguntando o presidente do tribunal ao réo, se sabia o motivo por que estava sendo processado, este respondeu *segundo affirmo* que era por causa de um juiz muito idiota ou louco, e qual se achava ali assentado.

O juiz municipal, como era natural, pede em continuo a intervenção do presidente do tribunal, mas este que talvez aprovasse um tão reprovado procedimento, o que fez? Respondeu ao réo que não podia prohibir o réo de assim manifestar-se, e que iria pedir-lhe *que não continuasse*!

Factos destas ordens, não se commenta!

E assim publicamente se injuria a uma autoridade constituida!

E assim se procede, sendo o delinquente um réo pronunciado, na frente do presidente do tribunal do jury, que não reage, que não faz o réo conter-se, em ordem a moralizar tão útil quanto importante instituição como é o réo jury!

E assim procedia o réo em desforço à prisão preventiva ordenada pelo juiz municipal, que desse lugar áquelle a pedir uma ordem de *habeas corpus*.

O Sr. ALCINO DE FARIAS: — Que foi aprovada pelo tribunal competente.

O Sr. TOLENTINO: — E o que tem isso?

Podia sol-o, porque apenas se tratava de legalidade ou ilegalidade da prisão e não do crime committedo pelo réo.

Sr. presidente, era tal a protecção dispensada ao réo pelo *juiz de direito* da comarca, que segundo afirmam pessoas moradoras de toda a excepção e insuspeitas para a formação do conselho de jurados, forão admitidos homens que não podiam sel-o, por se acharem pruncionados.

Estes factos são repetidos, e não me consta que fossem ao menos contestados.

Um juiz que assim procede, não é certamente o juiz da lei!

O nobre deputado declarou que não daria o seu voto para que a comarca fosse suprimida, porque hâa mesmo em

lages pessoas que reprovavam essa supressão, e outras que a impõem.

Por occasião da apresentação da defesa de que se trata, o mesmo se disse por aqui; mas, passados alguns dias e chegados que forão portadores da Lages, reconheceu-se que a medida da supressão era ali reclamada com muita razão.

Quanto à pessoas que queriam impôr à esta câmara, achô isto era extravagante, que difficilmente acreditaria.

Em 1º lugar partisse d'onde partisse a imposição, ella teria de ser aqui fulminada pela nossa dignidade, que som por momentos a poderia sustentar;

Em 2º lugar essa imposição não appareceria, como não se acháa ella sobre-nome — porque os nossos co-religionários não costumam dirigir-se a nós por esse meio nem reprovado.

O nobre deputado foi, pois, acreditado, quando acreditou n'essas boas intenções espalhadas pelos nossos adversários com o prometido fim do nos indispor com os nossos próprios amigos.

A boatos não se dá crédito. Si assim não praticasse eu, teria como muito certo o que se diz por ali algures: « que se esta assembleia adoptar o projecto que se acha em discussão, e o converter em lei — suprimindo-se assim a comarca de Lagos — presidencia da província tratará logo de, como pena, adiar os trabalhos dessa câmara. »

Como disse eu não creio, mesmo porque faço bom conceito do administrador da província, que S. Ex., dotado de um robusto talento, e já tão pratico em administração, não praticaria um acto dessa ordem, especialmente depois da publicação da lei que suprimiu a comarca de Itajahy, lei que sendo por S. Ex. devolvida à assembleia, foi afinal cumplida, por haver novamente passado unanimemente o parecer que regeraria as razões da presidencia.

Não se deve, pois, dar crédito à boatos — cujas consequências são sempre desagradáveis.

Sr. presidente, longo vai o meu discurso, visto é que o enculha. Vai o projecto passar pela ultima discussão e prova. Si cheio de confusão, como é de esperar, esta assembleia votar pola maioria que já é fez em 1º e 2º discussão, a supressão da comarca de Lagos, será uma realidade. A noticia desse acto verga aquellas parangon legais, onde um povo digno de toda a consideração e estima, a receberá cheio de alegria, porque com elle terá obtegido o remedio prompto e eficaz para os males que soffrem.

Desaparecendo esse estado assustador anarcico á que tem chegado a comarca, entrará esta em sua santa paz e certamente teremos os louvores por havermos contribuído para o seu bem estar. Si, porén, acontecer o contrário; si o projecto falhar em sua ultima discussão, e mais importante prova, entao o sr. presidente, aquello estado anarquico da comarca, tomará proporções ainda maiores. Apparecerá o desrespeito às leis, o absolutismo excefér, dictado por aquelle que deveria ser o mantenedor da ordem e sustentáculo da lei; virão depois aquellas consequências terríveis, que são conhecidas, impulsionado, quem sabe, aquele bon povo a lançar mão de um recurso extremo e criminoso, que é da sedação.

Mas... não... isso não sucederá, porque por sua dignidade, por sua confiança, deve esta comarca votar mesmo o projecto, afim de ser elle convertido em lei.

Por minha parte, declaro sr. presidente, que prefiro, envolvido nas largas dobras da bandeira do partido liberal, votar já por este projecto, que em si contém uma medida de grande utilidade, a vel-o morrer da morte que lhe anoltaria, e que se não coaduna certamente com a dignidade desta câmara.

Tendo concluído. (Apoiados, muito heu.)

SEÇÃO GERAL

NOTICIARIO

Eua consequencia da festa, e procissão da Senhor dos Passos, e da affluencia de trabalhos da assembleia legislativa provincial, não nos foi possivel dar jornal na quinta-feira ultima.

Em avulso, acompanha a este numero de nosso jornal o projecto apresentado na assembleia sob o n.º 31, que constitue o orçamento provincial.

No dia 16 funcionou o tribunal do jury, sob a presidencia do ilustrado juiz de direito da comarca.

Apresentou-se só um processo, e é de um soldado do batalhão

Dia 9.—Mathildes, branca, 35 dias; repentina.

— Maria, parda, 2 dias; repentina.

— Luisa, preta, escrava, 22 anos; tuberculos pulmonares.

Dia 13.—Alferes Augusto Olavo Valporto, branco, 23 anos; tuberculos pulmonares.

Do sul temos notícias até o dia 17, são elas de puro interesse local.

Dia 14.—Gustavo Alexandre Carlos, branco, 65 anos; febre perniciosa.

Corte, 11 de Março de 1880.

O ministro Siminhú demitiu-se a 6 do corrente.

O conselheiro Saraiva conviado pelo Imperador para organizar novo gabinete, aceitou o encargo, e é esperado da Bahia a todo o momento.

Acompanhará a s. ex. o conselheiro Duarte que, segundo consta, fará parte do novo governo.

Diz-se que aquele conselheiro aceitou o poder com a clausula de fazer a reforma eleitoral por meio de lei ordinária.

Não sabemos qual o fundamento desse boato, mas a verdade é que elle corre com insistencia.

— Sua Magestade adiou para mais tarde a sua viagem á província do Paraná.

— O ex-ministro da fazenda, conselheiro Affonso Celso foi as duas accontentado d'uma violenta febre. Hontem, porém, s. ex. apresentou algumas melhorias, sendo julgado fora de perigo pelos seus medicos assistentes.

— Foi nomeado bibliotecario da escola de medicina da corte o dr. Carlos Antonio de Paula Costa.

— A corveta *Bahiana* entrou a 6 de Setembro, a 6 desse porto conduzindo a turma de aspirantes a guardas-marinha aprovados nas matérias do príncipe e segundo anos da escola de marinha.

— Terminamos dando os parabens ao Sr. Dr. Barradas: assim é que procedem os juizes honestos.

—

Do norte, pelo vapor entramos notícias até o dia 17.

O conselheiro Saraiva ainda se achava no Bahia e só era esperado na corte no dia 27 do corrente.

— Havia falecido a 13 o Dr. Jerônimo Ribeiro, um dos redactores do jornal *Brasileiro*.

— Passou-se provisório ao padre Júlio Carlos de Oliveira, para continuar no exercicio de vigário da freguesia da Matriz dos Homens no Araripe, com a condição porén de ir à corte fazer os exercícios espirituais.

— Por decreto de 8 do corrente foi promovido a capitão o nosso particular amigo, tenente José Francisco Duarte de Oliveira, a quem felicitamos.

— Por decreto de 6, tinha sido criado a tenente-coronel mandante do 9º batalhão o major Antônio Pedro da Silva e a maior graduado Tude Soares Neiva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Esta gravemente enfermo o ministro do supremo tribunal de justiça, conselheiro Antônio de Costa Pinto.

— Forão nomeados para embarcar na corveta *Bahiana* o 1º tenente Francisco Gaviao Pereira Pinto, e o 2º tenente Bonifácio de Oliveira, para continuar no exercicio de vigário da freguesia da Matriz dos Homens no Araripe.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a 9º o distinto coronel do estado maior d'artilleria, José Joaquim de Lima e Silva.

— Falleceram n'esta corte, a 3º brigadier Pedro Torquato Xavier de Brito, secretario do arquivo militar, e a

